

DESEJOS DISSIDENTES EM QUADRINHOS

Luciana Borre

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Marina Didier Nunes Gallo

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Wilson Chiarelli

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

RESUMO

Quatorze estudantes e três professoras/es envolveram-se no processo de criação de quadrinhos para problematizar: quais possíveis invisibilidades constituídas sobre prazer, sexo e sexualidades? Como protagonizar a criação de imagens e artefatos culturais no campo da pós-pornografia a partir da ambientação histórico cultural das/os envolvidas/os? Apresentamos os processos de criação poética, educativa e de pesquisa desenvolvido durante o componente curricular “Tópicos em Arte: quadrinhos”, ministrado no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco, no primeiro semestre de 2017. Neste artigo, desenvolvemos: (1) apontamentos sobre os processos de criação de quadrinhos na perspectiva da Educação Patrimonial e; (2) aproximações com a pós-pornografia e considerações acerca das produções realizadas.

Palavras-chave: Cultura Visual; Educação Patrimonial; Pós-pornô; Processos de Criação em Quadrinhos.

ABSTRACT

Dissident desires in comics books

Fourteen students and three teachers were involved in the process of creating comics to think about: What possible invisibilities are constituted about pleasure, sex, and sexuality? How stimulated to be protagonists in the process of creation of images and cultural artifacts in the field of post-pornography based on the cultural historical environment? We present the process of poetic, educational and research creation developed during the curricular component “Topics in Art: comics”, taught in the Visual Arts course of the Universidade Federal de Pernambuco, in the first semester of 2017. In this article, we develop: (1) notes on the processes of creation through comics in the perspective of Heritage Education and; (2) approximations with post-pornography and considerations about the productions made.

Keywords: Visual Culture; Patrimonial Education; Post-porn; Comic Book Processes.

“Criei coragem e resolvi contar sobre minha falta de conhecimentos sobre o prazer feminino. Recebi uma história em quadrinhos da *Garota Siririca* em uma aula sobre questões de Gênero e Sexualidades. Eu nunca tinha ouvido falar sobre esses quadrinhos, mas uma das histórias falava muito sobre mim. Eu nunca conversei sobre *prazer* e nunca ouvi falar sobre *prazer feminino*. Aprendi que sexo é apenas para reprodução e nunca para sentir prazer. Aprendi também que sexo deve acontecer somente depois do casamento. Sexo fora do casamento? Jamais! Estaria cometendo grande pecado, algo imoral, pornográfico e perigoso. Caso acontecesse, precisaria pedir perdão, confessar ao padre e ser condenada assim como Maria Madalena”.

(Relato de uma estudante de graduação em artes visuais)

Figura 1 e Figura 2: Garota Siririca.



Fonte: Revista em quadrinhos Garota Siririca, 2015.

O relato da estudante e professora de artes visuais em processo de formação desencadeou uma série de questionamentos acerca da presença de discussões sobre questões de gênero e sexualidades no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Um depoimento que, aliado a diversas outras narrativas de opressão, discriminações, preconceitos e violência de gênero, provocou-nos a pensar: quais visualidades circulam entre as/os estudantes sobre sexo, gênero, sexualidade e prazer? Quais imagens e artefatos culturais estão presentes no cotidiano de nossas/os estudantes, permeando seus interesses e curiosidades? Como a recorrência de determinadas visualidades revela concepções de verdade e oculta narrativas de determinados grupos sociais? Quais as possíveis ausências ao se abordar a temática de gênero e sexualidades? Como desencadear o protagonismo de nossas/os estudantes como produtoras/es de cultura visual? Quais discursos e narrativas apontam para determinadas maneiras de se viver a sexualidade? Por que a personagem “Garota Siririca” e o depoimento da estudante incomodam e o que revelam sobre nós? Como a chamada pós-pornografia pode desencadear problematizações no campo das sexualidades?

Temáticas do cotidiano das/os estudantes foram trazidas à tona em sala de aula, desafiando nossos entendimentos sobre o processo de formação docente voltado apenas para os conteúdos específicos. E ainda, que tais assuntos estavam sendo discutidos em diversos âmbitos não formais de ensino - programas de televisão, propagandas publicitárias, letras de música, etc., mas, não faziam parte das discussões do currículo pré-estabelecido do curso de Artes Visuais.

Ao apresentar “Garota Siririca” ao grupo de estudantes percebemos a potencialidade dos quadrinhos como recurso expressivo e como fonte de problematizações sobre questões de gênero e sexualidades. Para contemplar estes interesses propusemos o componente curricular eletivo “Tópicos em Arte: Quadrinhos” para as/os estudantes de artes visuais e comunidade acadêmica da Universidade Federal de Pernambuco, no primeiro semestre de 2017.

A escolha pelo assunto, ainda pouco discutido e que gerava interesse, vergonha e até certa repulsa, também surgiu a partir de uma avaliação prognóstica, na qual verificamos que grande parte das imagens e artefatos culturais que circulavam entre as/os integrantes do grupo provinham de uma mídia televisiva, publicitária e da própria indústria pornô a partir de uma matriz heteronormativa.

Aliada a produção em quadrinhos, a estética pós-pornô tornou-se nosso objeto de investigação, visto que ela surge justamente na contramão de alguns padrões de sexualidade negociados - muitas vezes impostos - na medida em que:

o efeito de se tornar sujeito daqueles corpos e subjetividades que, até agora, só haviam podido ser objetos abjetos da representação pornográfica: as mulheres, as minorias sexuais, os corpos não-brancos ou deficientes, as pessoas transexuais, intersexuais e transgênero. No pós-pornô, as pessoas ignoradas pelo pornô hegemônico ou utilizadas para representar fantasias alheias, frequentemente de forma degradante, tomam as rédeas e gravam ou atuam expressando sua própria sexualidade, convertendo-se em protagonistas com um roteiro decidido por elas próprias (Preciado, 2008: s/p).

Foram quatorze estudantes e três professoras/es envolvidas/os no processo de criação de quadrinhos, tendo como principais objetivos: entender os quadrinhos como uma linguagem potente nos processos de ensino aprendizagem; conhecer as origens

e a pluralidade dos quadrinhos ao longo da história e como ferramenta para educação patrimonial; perceber e aplicar a linguagem dos quadrinhos e seus códigos; vivenciar os procedimentos para o desenvolvimento de uma história em quadrinhos; analisar de maneira crítica os quadrinhos na contemporaneidade; apresentar e discutir referenciais teórico-práticos ligados ao pós-pornô e, protagonizar a criação de quadrinhos pós-pornô a partir da ambientação histórico cultural das/os envolvidas/os.

Para aprofundarmos as reflexões sobre esta experiência pedagógica, organizamos este texto em duas partes: (1) apontamentos sobre os processos de criação de quadrinhos na perspectiva da educação patrimonial e; (2) aproximações com a pós-pornografia e possíveis interpretações acerca das produções realizadas durante “Tópicos em Arte: quadrinhos”.

1. PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM QUADRINHOS

No Brasil, a história em quadrinhos é uma forma de linguagem legitimada como material didático pedagógico em espaços de educação formal desde o final do século XX. A afirmativa contraria a forma como muitas/os educadoras/es a encaravam na primeira metade do século passado, ou seja, como um recurso considerado “anti pedagógico” (Vergueiro, 2010). Seja em espaços de educação formal ou não formal, os quadrinhos se constituem como recurso pedagógico, circulando também como instrumento de possíveis contestações e críticas sociais. Mais do que a precisão técnica dos traçados empreendidos no momento de produção, os quadrinhos têm contribuído significativamente para o registro de fatos históricos e para o entendimento de diversas interações sociais. No mercado editorial os títulos são os mais diversos, com temáticas abrangentes, podendo ser abarcadas por múltiplas áreas do conhecimento.

Um prato cheio aos docentes de todos os níveis de ensino, da educação infantil ao ensino superior, os quadrinhos podem ser destinados para todas as idades (Vergueiro, 2010). Em paralelo, a seleção de seus títulos possibilita a evocação de discussões concomitantes aos conteúdos programáticos do currículo oficial ou inserção de assuntos até então desconhecidos ou não desenvolvidos entre as/os estudantes. Autores como Elydio dos Santos e Marta Regina Paulo da Silva (2015) afirmam que, seja estimulado por meio da leitura dos títulos disponíveis ou pela produção de narrativas autorais, os quadrinhos podem levar a reflexões específicas. No caso do componente curricular eletivo “Tópicos em Arte: quadrinhos”, o direcionamento crítico reflexivo estava concentrado nas questões de gênero e sexualidades, com especial enfoque na pós-pornografia e educação patrimonial.

Dialogando com as perspectivas do campo da educação patrimonial, estudiosas/os apontam a necessidade de um ensino que estabeleça uma maior aproximação entre alunas/os e seus objetos de pesquisa (Horta, Grunberg e Monteiro 1999; Gil e Trindade, 2014). Nesse sentido, a educação patrimonial pode ser abarcada como uma estratégia didática que coloca as/os estudantes em contato direto com objetos materiais passíveis de serem investigados como fontes de produção de conhecimento. Nesse sentido, entendemos por Educação Patrimonial:

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (Horta, Grunberg e Monteiro, 1999: 06).

Em outras palavras, a diversidade documental para construção do conhecimento é tão ampla que pode abarcar desde um simples diário pessoal pertencente a um anônimo, brinquedos, partituras musicais, vídeos, jogos, produções cinematográficas, uma composição pictórica do tempo presente e, até mesmo, a construção de um enredo pós-pornô a partir de lugares corriqueiros. Uma ampla possibilidade de acervo documental sem precedentes.

Na disciplina “Tópicos em Artes: Quadrinhos”, as/os estudantes tiveram a oportunidade de estabelecer um contato físico com parte de seus objetos de pesquisa ao realizarem uma visita ao Sítio Histórico de Olinda/Pernambuco. O objetivo era inserir as situações das narrativas pós-pornô no universo cotidiano do município de Olinda (frequentado por todas/os) e estimular a formação das identidades através da exploração dos bens culturais tangíveis e intangíveis da região. Nesse sentido, consideramos; lugares, objetos, formas de expressão físicas e verbais, celebrações e saberes locais para compor as histórias.

Munidos de material multimídia para os devidos registros, os discentes seguiram por locais significativos do Sítio Histórico de Olinda, tais como a Praça do Carmo, Rua Bispo Coutinho, Catedral da Sé, além dos diversos ateliês da região. É possível identificar elementos próprios do local em diversas produções. Assim, vegetação, artesanato, expressões e bens culturais, podem ser percebidos nas diversas narrativas, tal como na figura 3, onde o “Homem da Meia Noite” protagoniza uma relação sexual com o dragão, sendo que ambos são personagens tradicionais e queridos pela população local.

Figura 3: sem título.



Fonte: Arquivo pessoal, João Vicente, 2017.

Edgar Guimarães (2013) aponta para a possibilidade de construir fanzines em quadrinhos como recurso pedagógico que, atrelada às sugestões metodológicas da Educação Patrimonial, torna possível desenvolver o que William N. Bender (2014) chama de aprendizagem baseada em projetos. Para Bender, um dos princípios que possibilitam esse tipo de aprendizagem é a articulação do objeto por meio de investigações e vivências. Bender chama atenção para que a criação de um fanzine como produto final de um projeto tenha uma utilidade pública, um retorno social aos produtoras/es e que seja arquivado para ser consultado pelos pares.

Túlio Vilela (2010) nos apresentou um norteamento de como utilizar os quadrinhos nesta caminhada de ensino aprendizagem durante a produção de narrativas autorais, destacando a necessidade de reflexão sobre o processo de criação. Nesse sentido, podemos abarcar questões que vão desde o levantamento de dados a seleção de fontes para a constituição dos enredos, ambientalização, figurino, estruturas arquitetônicas e expressões cotidianas, estimulando de maneira lúdica a articulação das fontes históricas. Quatro autores podem ser apontados como referências para o desenvolvimento deste projeto: Will Eisner (2006); Spiegelman (2009) e; Schawarcz e Spacca (2013).

Os autores citados produziram obras abarcando questões históricas e, ao inventariar uma vasta e exaustiva seleção de fontes para composição das narrativas em quadrinhos, colocaram em prática parte do ofício do historiador. Assim, fontes escritas, imagéticas, orais, materiais culturais foram manipuladas e serviram como referência para suas obras. Schawarcz e Spacca (2013), por exemplo, tinham parte de seu corpo documental constituído por coleções de museus e sítios históricos que visitou durante o processo de construção. Uma verdadeira ressignificação do patrimônio cultural.

As narrativas, depois de concluídas, servem como fontes históricas e podem nos levar a novas reflexões. O mesmo pode ser feito com os resultados obtidos junto aos estudantes em sala de aula. Como apontou Túlio Vilela (2010), os quadrinhos falam sobre o período em que foram produzidos, podendo ser articulados por pesquisadores como fonte de um passado específico, distante ou próximo de nossa existência, pois estão carregados de testemunhos e representações.

Entre as produções dos participantes da disciplina “Tópicos em Artes: Quadrinhos”, podemos observar que, dos oito quadrinhos selecionados para compor o artigo, apenas dois não levaram em consideração a inserção do Município de Olinda no enredo. Os demais inseriram de alguma maneira elementos culturais próprios da cultura olindense em suas produções. A figura 4 mostra o quadrinho que abarcou a maior quantidade de elementos culturais. Logo no primeiro requadro, a personagem principal é representada abrindo a janela de uma residência e contemplando a paisagem típica do Sítio Histórico de Olinda. O autor desenvolveu a representação da vegetação densa que praticamente fazia desaparecer o casario, dotado de telhados de barro.

Na mesma produção *O Farol de Olinda* foi evidenciado juntamente com a *Catedral da Sé*, destacada no requadro abaixo. A catedral compõe um dos bens culturais em pedra e cal que possibilitou o título de Patrimônio Cultural da Humanidade ao município pela UNESCO, em 1982. Ambos tiveram suas estruturas respeitadas, levando em consideração suas linhas arquitetônicas e cores. No caso do *Farol*, respeitou-se seu formato troncônico e suas linhas horizontais em preto e branco. A *Catedral da Sé*; sua simetria, linhas retas, campanários, pináculos e tons amarelo e branco com porta central marrom. Além disso podemos observar o uso de um termo muito utilizado na cidade “*Ou vai ou racha*” no balão de pensamento da personagem na beira mar.

Figura 4: sem título.



Fonte: Arquivo pessoal, Ricardo Mendonça, 2017.

No quadrinho da Figura 5, três elementos culturais foram evidenciados. Novamente o *Farol de Olinda*, as típicas *carrancas nordestinas* e a estrutura da janela, notórias no casario colonial. Podemos destacar que o *Farol de Olinda* não teve sua parte culminante pintada de maneira fidedigna, além de ter sua estrutura cipestre desconsiderada. Por outro lado, vale ressaltar que a inserção da carranca na trama está ligada à vontade de aquisição da peça por um dos autores.

Figura 5: sem título.



Fonte: Arquivo pessoal, Wilson Chiarelli e Luciana Borre, 2017

Já na história da figura 6, podemos ver referências na ambientação à um dos restaurantes situados no *Alto da Sé*, em Olinda. Da janela também vemos a vegetação, o mar, os casarios, assim como parte de uma Igreja. Além disso, observamos o uso de gírias e termos regionais, tais como: "*Menino! Isso é coisa que se fale?*", "*Oxe, que nada. Isso bem gosta!*", e "*Gente, to passada!*"

Figura 06: sem título.



Fonte: Arquivo pessoal, Marina Didier e Ricardo Mendonça, 2017.

2. DESEJOS DISSIDENTES, GÊNERO, SEXUALIDADES, PRAZER E PÓS-PORNOGRAFIA

Quais imaginários coletivos sobre o prazer, sexo e sexualidades circulam sem deixar espaço para a dúvida? Quais invisibilidades foram constituídas sobre o prazer e sexo? Quais possíveis desejos dissidentes permeiam imaginários contemporâneos sobre o sexo e a sexualidade? Como verdadeiros desmoronamentos afetivos acontecem ao se problematizar a naturalização dos desejos e dos prazeres centrados na heteronormatividade?

O cenário da pós-pornografia contesta nossos imaginários visuais sobre o prazer e sobre como viver a sexualidade. Entende que inúmeras imagens e artefatos culturais nos ensinam sobre sexo desconsiderando a multiplicidade de possibilidades e desejos que andam na contramão de condutas ditas comuns. Artefatos visuais com classificação livre ensinam sobre o amor romantizado, práticas sexuais ligadas a relacionamentos estáveis, apego emocional e binarismos de gênero - feminilidades ligadas a doação/cuidado/privado e masculinidades ligadas a robustez/virilidade/público. Sendo que nosso "corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção/reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outras ficam elípticas e outras são sistematicamente eliminadas ou riscadas" (Preciado, 2011: 26).

As produções sem classificação livre ensinavam sobre as melhores posições sexuais, tempo ideal de um orgasmo, movimentos propícios ao prazer do outro - geralmente masculino - o ápice da relação ligado ao gozo e a constante busca pela beleza física como a chave que desperta a atração. Posições e gemidos perfeitos, enaltecidos pela utopia de sua conquista, muitas vezes, inatingíveis e destinados somente a imaginação.

O relato da estudante apresentado no início deste texto é apenas mais um entre tantos que escutamos durante as aulas e que evidencia consideráveis graus de desconhecimento de muitas mulheres sobre o próprio corpo e de suas sensações. Mostra também que, mesmo sem passar por uma educação religiosa, prerrogativas cristãs circundam o imaginário coletivo, ocultando o prazer ou acercando-o do pecado, culpa e proibição.

Ao pensarmos uma produção pós-pornográfica em quadrinhos tínhamos o intuito de promover o princípio do prazer como essência da vida, como parte importante de quem nós somos e, concordando com Preciado (2011: 23), "que o desejo, a excitação sexual e o orgasmo não são nada além de produtos que dizem respeito a certa tecnologia sexual que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade".

Também pretendemos discordar de crenças vigentes sobre o corpo feminino ou feminilizado como objeto de contemplação, duvidar dos ensinamentos até então instituídos sobre as relações sexuais heteronormativas, protagonizar a insurgência de relatos e narrativas dissidentes, quebrar o silêncio sobre questões de gênero e sexualidades nos processos de formação pedagógica, reinventar desejos e as variadas formas de vivê-lo e detonar o protagonismo do pênis - preferencialmente grande e ereto - na construção dos prazeres e das práticas sexuais. "A centralidade do pênis, como eixo de significação de poder no âmbito do sistema heterocentrado, requer um imenso trabalho de ressignificação e de desconstrução" (Preciado, 2011: 37).

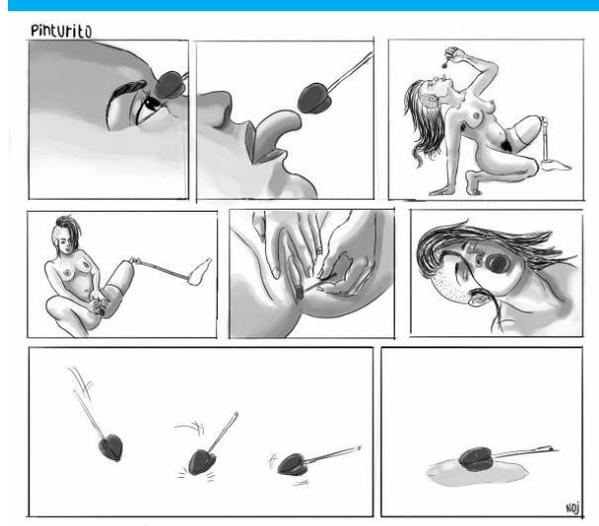
Não há fórmulas ou padronizações no campo da pós pornografia, pois incontáveis são as possíveis relações de prazer e desejo. No entanto, destacam-se as produções que escancaram o desejo feminino já não atrelado ao masculino e ao momento do orgasmo e a uma estética corporal que não prioriza padrões de beleza física vigentes. Também entendemos que sexo, “como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterosocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino)” (Preciado, 2011: 25).

A produção e o consumo de produções pós-pornográficas também rompe ao comumente estabelecido pelo mercado. Neste movimento produtoras/es protagonizam os enredos, enfatizam posicionamentos políticos, culturais e/ou por prazer, escolhem locais e inclusive muitos são oriundos de discussões coletivas ou grupos de estudos e pesquisas em âmbitos educativos. A pós-pornografia, integrando-se a vida, também começa a transitar por espaços até então inusitados. Não estão encarcerados a discricção das casas ou espaços reservados para tal, mas podem estar transitando no cotidiano sem culpas e ocultamentos. Garota Siririca é exemplo de que falar sobre sexo, prazer e desejo já não precisa ser um assunto silenciado e domesticado pelas estéticas tradicionais da pornografia. Outro exemplo foi a produção de enredos e histórias de maneira aberta entre as/os estudantes durante as aulas e a disposição de todos na divulgação dos trabalhos.

Também vale ressaltar que classificamos nossas produções como pós-pornografia por entendê-las como dispositivos de ruptura a narrativas consolidadas sobre sexo e prazer. Além disso, evidencia-se o jogo das políticas de representação através de quem fala, como fala, onde pode falar e qual lugar ocupa ao falar. Somos três professoras/es do campo acadêmico que desenvolvem pesquisas de gênero, sexualidades, estudos queer, produção de quadrinhos e educação patrimonial. Nossas/os estudantes frequentam o âmbito acadêmico e circulam por zonas centrais que facilitam o acesso aos bens culturais. Logo, ocupamos um lugar privilegiado de fala e privilegiamos nossas versões de verdade, tornando público e legítimo corpos marginalizados e práticas até mesmo desconhecidas.

Jonatas Ferreira (figura 7) apresenta como protagonista de sua história uma mulher com diversidade funcional, ou seja, destaca um corpo incomum, que dificilmente vemos representado e que chega ao prazer sem a necessidade da presença de um homem e seu pênis. Ela, além de possuir uma prótese, apresenta também pelos nas axilas e na vagina, algo que é difícil de vermos nos corpos representados em revistas, novelas e na própria pornografia.

Figura 7: Pinturito.



Fonte: Arquivo pessoal, Jonatas Ferreira, 2017.

É comum vermos o corpo feminino desnudo e sensual, muitas vezes tratado como uma recompensa para o homem, sendo que corpos com deficiência, o sangue menstrual e os pelos não parecem comuns em nossos repertórios visuais. Corpos assim, geralmente são vistos como distantes de qualquer ato ligado ao prazer ou a sexualidade. Da mesma forma que um líquido azul substitui o vermelho do sangue, e as pernas a serem depiladas nos comerciais já estão sem pelos antes mesmo da cera ou da gilete passarem sobre a superfície da pele. Esses elementos, tão naturais do corpo feminino são sempre camuflados/escondidos, como se fossem algo que, de fato, as mulheres devessem esconder e remover o mais rápido possível.

E apesar de ainda fazer referência ao pênis, já que o título da própria história é “Pinturito” e o pirulito tem o formato da cabeça de um pênis, o autor acaba tratando de forma irônica a temática da necessidade do órgão masculino para dar prazer à mulher. Ela utiliza esse pirulito sozinha, nos lugares que escolhe e sente vontade, passa nos olhos, na boca, lambe, se masturba, e depois o descarta. Na última cena vemos o pirulito no chão em cima do que, aparentemente, seria o gozo dela. O gozo feminino é, na maior parte das vezes, relegado a segundo plano na indústria pornográfica e os vídeos muitas vezes terminam no momento em que o homem ejacula e não a mulher.

Duas histórias em quadrinhos, as figuras 4 e 5, focam na possível experiência de sexo anal vivido pelo masculino de uma relação hétero. Ao entendermos que a arquitetura do corpo é política (Preciado, 2011: 31) refletimos sobre quais partes do corpo foram excluídas, colocadas para fora do campo dos prazeres por não atenderem a uma chamada ordem “natural da criação” e reprodução. O ânus é um dos principais exemplos de como o corpo está inserido em práticas de controle e disciplinamento onde jamais seria considerado ou até mesmo pronunciado que poderia proporcionar momentos inesquecíveis de prazer. Por um lado, foi considerado desprezível como fonte de prazer por algumas convicções religiosas ou como acesso a fatores de humilhação e poder. Por outro lado, alvo de piadas e deboches que denegriram a prática do sexo anal aos homoafetivos.

Em consonância com Preciado (2011) as histórias em quadrinhos citadas inserem a ideia de que o ânus é um ponto erógeno que rompe com a tradicional representação sexo/gênero e que a possibilidade de prazer não distingue gêneros, que supõe certa passividade e, mesmo gerando prazer e excitação, não é comumente entendido e encontrado na lista de pontos orgásticos. O prazer anal não serve para reprodução e nem está baseado, necessariamente, em uma relação romântica.

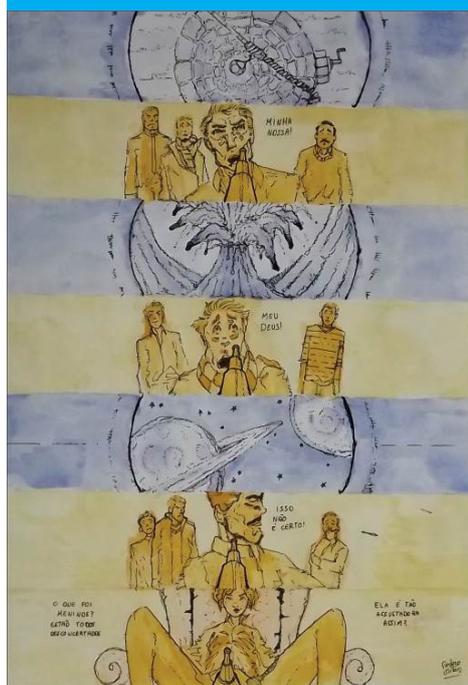
E seguindo nessa temática do prazer anal, temos a história da figura número 6. Nela os autores tratam de como o ânus ainda é discriminado mesmo quando ligado ao prazer feminino, na medida em que a autora apresenta um diálogo entre familiares no qual podemos ver como os personagens julgam que uma jovem, por ser casada, ter filho, ser “certinha”, romântica e estudiosa, não deve gostar de sexo anal. Com elas podemos levantar questões, tais como: porque tantas partes do nosso corpo ainda são tratadas como tabu e discriminadas? Porque as pessoas ainda relacionam experiências sexuais com questões de gênero e até mesmo com o caráter de cada um?

Já a história 3, além de tratar também dessa questão do prazer anal masculino, traz uma figura considerada uma entidade, que é o calunga do Homem da Meia Noite (emblemático do carnaval de Olinda), se relacionando com o dragão de um outro bloco representativo da cidade, o “Eu acho é pouco”, explorando seus corpos e possibilidades de prazer de diversas formas. Nos leva a pensar, talvez numa alusão, que todos os corpos e formas de ser e sentir prazer são válidas.

Nos quadrinhos de Pedro Victor (figura 8) o estudante se baseou na performance “Public cervix announcement”, de Annie Sprinkle, realizada em 1989. A performer e atriz pornô, revoltada com o machismo presente na indústria pornográfica, passou a realizar trabalhos dirigidos por ela, nas quais levantava questões sobre educação sexual e feminismo. Nesta, ela sentou-se em uma poltrona no palco do Teatro Harmony, em Nova York, e colocou um espéculo na sua vagina para que o público pudesse ver dentro dela através de um binóculo. Além de criticar o excesso de planos fechados nas genitais femininas na gravação de filmes pornôs, a artista alertava as mulheres sobre a importância de conhecerem seus próprios corpos, suas vaginas, de explorarem seus corpos e suas zonas erógenas também, de forma que não ficassem apenas “recebendo” o que viesse dos parceiros ou o que era vendido como “normal” pela indústria.

Com essa história Pedro Victor também trata da falta de conhecimento sobre a vagina. Entre uma cena e outra dos homens olhando aquela “arma”, nos trechos em amarelo, vemos referências, nos trechos em azul, a ideia de um poço sem fundo e a imensidão e desconhecimento do universo.

Figura 8: sem título.



Fonte: Arquivo pessoal, Pedro Victor, 2017.

O enredo da história de Wilson e Luciana (figuras 9 e 10), na qual uma garota caminha com um aparelho vibratório introduzido na região genital, remete diretamente ao relato apresentado no início deste texto. Condenada pela igreja e posteriormente patologizada pela medicina, a masturbação, principalmente a feminina, também se tornou um tabu, assim como o prazer feminino ainda vem sendo problematizado visto que “parece não ter uma função exata nem nas teorias biológicas nem nas doutrinas religiosas, segundo as quais o objetivo da sexualidade é a reprodução da espécie” (Preciado, 2011: 114). Vemos nela um vibrador com forma oval, e não fazendo referência a um pênis, que pode ser utilizado a qualquer momento que a personagem sentir vontade. Podemos observar também que os autores, ao criar a protagonista, procuraram representar um corpo dito comum, sem formas torneadas e de beleza física padronizadas. Com ele também vemos ampliadas as possibilidades do prazer feminino e das sensações corporais ao não atrelar os mesmos ao outro e, geralmente, ao outro masculino. Amplia estas possibilidades ao retirar o foco da penetração e entender o prazer em sua totalidade corporal e integrada ao cotidiano.

Figura 9 e Figura 10: sem título.



Fonte: Arquivo pessoal, Wilson Chiarelli e Luciana Borre, 2017.

3. REFLEXÕES FINAIS

Mesmo diante de tantas problematizações, percebemos que as produções também evidenciam reprodução de narrativas consolidadas. Perguntávamos como quebrar tantos paradigmas? Como não reforçar certos estereótipos de gênero e de sexualidades? O momento de avaliação do processo vivido oportunizou nosso olhar crítico reflexivo, no qual consideramos que a maioria das histórias manteve o foco nas relações heterossexuais. Também percebemos que utilizamos vários recursos imagéticos para demarcar a polaridade dos gêneros, corroboramos com a perspectiva do tamanho do “pênis grande”, trouxemos corpos magros de mulheres e com seios volumosos e apresentamos personagens brancos, com cabelos lisos. Isso nos mostra ainda mais como esses padrões estão profundamente enraizados em nossos imaginários e vivências.

Mas compreendemos que tudo isso fez parte do processo de criação, que foi permeado por dúvidas e estranhamentos. Houve momentos de resistência, inseguranças e receios sobre os direcionamentos das histórias, mas fomos percebendo mudanças significativas nos diálogos acerca do tema, nas interferências e no envolvimento do grupo. Diversas/os estudantes que apresentavam dificuldade em criar uma única história que envolvesse a estética pós-pornô, chegaram ao final do semestre com diversas ideias e com desejo de criar outras, já mais críticos e cientes das possibilidades de outros modos de ser e de sentir.

Foi interessante perceber também a alegria e a sensação de identificação que muitos estudantes apresentavam ao ver lugares, objetos e formas de expressões familiares presentes no seu cotidiano.

Por fim, após a finalização do processo houve interesse, por parte da própria turma, em divulgar essas histórias e distribuir exemplares na universidade, por entenderem a importância desse debate e compreenderem como os quadrinhos, enquanto recurso pedagógico, podem ajudar a problematizar questões como essas. A partir destas considerações, objetivamos o protagonismo de nossas/os estudantes na construção histórica de outras narrativas sobre como viver gênero, sexualidades, desejos e prazeres e de como trazer suas questões identitárias para as produções em quadrinhos.

REFERÊNCIAS

- Preciado, B. (2011), *Manifiesto Contrasexual*. Anagrama: Barcelona.
- Preciado, B. (2008), *La pornografía es una noción política*. Entrevista para Diagonal Periódico. Entrevistador: June Fernández.
- Bender, W. N. (2014), *Aprendizagem Baseada em Projetos: educação diferenciada para o século XXI*. Porto Alegre: Penso.
- Eisner, W. (2005), *Fagin, O Judeu*. São Paulo: Cia das Letras.
- (2006), *O Complô: A História Secreta dos Protocolos dos Sábios de Sião*. São Paulo: Cia das Letras.
- Gil, C. Z. V.; Trindade, R.T. Z.i (2014), *Patrimônio Cultural e Ensino de História*. Porto Alegre: Edelbra.
- Guimarães, E. (2013). Aula de Fanzine. Em Neto, E.S.; Silva, M. R. P. S. (Ed.), *Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines*, pp.68-81. São Paulo: Editora Criativa.
- Horta, M. L. P.; Grunberg, E.; Monteiro, A. Q. (1999), *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN: Museu Imperial.
- Schawarcz, L. M.; Spacca (2013), *As barbas do imperador*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Spiegelman, A. (2009), *História Completa*. São Paulo: Cia das Letras.
- Santos, E.; Silva, M. R. P. (2013), *Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas: O trabalho com universos ficcionais e fanzines*. São Paulo: Criativo.
- Santos, E.; Silva, M. R. P. (2015), *Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas Volume II: os gibis estão na escola, e agora?* São Paulo: Criativo.
- Vergueiro, W. (2010). A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. Em Rama, Â.; Vergueiro, W. (Ed.), *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, pp. 45-75. São Paulo: Contexto.
- Vilela, T. (2010). Os quadrinhos na aula de História. Em: Rama, A.; Vergueiro, W. (Ed.), *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, pp. 87-98. São Paulo: Contexto.